

Filho de Lula leva ao governo temas que vão de rodovia a bets

Dirigente de clube de futebol, Luis Cláudio passou a dividir seu tempo entre a Amazônia e São Paulo

Vinicius Sassine

NO PORTO ALEXANDRE O filho do ex-presidente Lula (PT), Luis Claudio da Silva, 39, costuma levar ao pai assuntos que dizem respeito a seu cotidiano desde que passou a viver na Amazônia para atuar como dirigente de futebol. Como mostrou reportagem da Folha, Luis Claudio se alia a um empresário sul-coreano que atua na Zona Franca de Manaus e a um prefeito da União Brasil para erguer o clube de futebol Parintins, que disputa o Campeonato Amazonense e tenta vaga na Série D do Brasileiro.

Luis Claudio, por exemplo, levou ao pai uma defesa pela pavimentação da BR-319, que liga Manaus a Porto Velho, capital de Rondônia. Nos próximos meses, o filho de Lula pretende percorrer a rodovia, firmar as condições da estrada e mostrar os vídeos ao chefe do Executivo.

A BR-319 é imprescindível para a região. Na seca do ano passado, houve um isolamento "grande", afirmou a Folha o filho de Lula, reverberando um discurso de políticos e empresários que fazem lobby pela rodovia.

Esse lobby ganhou força a partir da seca extrema em 2023, ano que houve recordes de batida dos rios, com impacto direto na navegação, a principal forma de transpor-

te no Amazonas.

Desde que assumiu a direção de futebol do RPE Parintins, Luis Claudio se divide entre Amazonas e São Paulo. "Eu conheço 85% dos ministros de antes [da eleição]. Tenho intimidade com [Fernando] Haddad [ministro da Fazenda], com [Alexandre] Padilha [ministro das Relações Institucionais], de tomar café", afirma o filho de Lula.

Um dos assuntos já tratados, de acordo com ele, é sobre casas de apostas no futebol, com a existência de um mercado ilegal e paralelo que vem prejudicando o esporte, segundo Luis Claudio.

"Converso abertamente com Haddad sobre isso. Regulamentação e cobrança por investigação devem existir, pois há brechas para corrupção com as apostas".

A discussão sobre a BR-319 passa principalmente pelo intervalo chamado trecho do meio, entre os quilômetros 850 e 857 — uma extensão de 455,7 quilômetros.

Em julho de 2023, três meses antes da derrota de Jair Bolsonaro (PL) para Lula, o então presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Eduardo Bin, emitiu licença prévia para pavimentação do trecho. Bin estava no cargo por indicação do hoje deputado federal Ricardo Salles (PL-SP), ministro



Luis Claudio da Silva, filho de Lula, que dirige clube de futebol do AM. *Estadão Bureau - 17 Jan 24 / Folhapress*

do Meio Ambiente durante a gestão de Bolsonaro.

Documentos do processo de licenciamento ambiental mostram que a obra pode provocar mais grilagem de terras públicas no caso da rodovia, ampliar o desmatamento ilegal e impulsionar a exploração criminosa de madeira.

Uma visita feita pelo Ibama em setembro do ano passado constatou o avanço de devastação, queimadas e ocupação de terras públicas ao

longo da BR-319, com o arco de desmatamento rumo às porções central e norte do Amazonas, duas das mais preservadas da Amazônia. Além disso, há 225 áreas degradadas na rodovia, antes mesmo de intervenções para pavimentação.

Manaus e região viveram ondas sucessivas de fumaça na seca extrema de 2023, em razão do desmatamento e das queimadas. Mesmo assim, políticos e empresários usaram a seca como prete-

to para ampliar o lobby pela pavimentação da rodovia. O governo Lula criou um grupo para tentar acelerar o processo de licenciamento.

"Meu pai fica cercado por ministros, nem sempre ele sabe a realidade", afirma Luis Claudio. "Eu converso com ele sobre as dificuldades logísticas aqui, sobre o isolamento". De acordo com o filho de Lula, a seca levou a escassez de alimentos e de itens como cimento em Rio Preto da Eva

(AM), cidade onde está sediado o RPE Parintins, a 85 km de Manaus.

"A BR-319 é a única conexão com o restante do país. É uma obra difícil, mas tem de sair", afirma Luis Claudio. "Meu pai quer saber mais, quer ouvir".

Sobre o mercado de apostas no futebol, cujo funcionamento foi autorizado por uma lei de 2020, o diretor do RPE Parintins afirma que existem três ou quatro "casas grandes de confiança" e que há também uma infinidade de apostas clandestinas, com grupos virtuais, bicheiros e outros operadores, levando a manipulação de resultados.

"Como não tem como inibir, tem de regulamentar", afirma Luis Claudio, que diz que tiparia patrocínio de casa de apostas ao time que dirige. O governo Lula espera incrementar receita com a regulamentação do setor.

O dirigente faz críticas mais genéricas ao futebol brasileiro: está sucateado, parte devido à maneira de atuação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). "Meu pai precisa olhar para o futebol com mais carinho".

As conversas que mantêm com integrantes do governo do pai não podem ser compreendidas como tráfico de influência, afirma Luis Claudio. "Seria se eu levasse alguma vantagem. Nunca vi o pai de Lula pedir um favor", diz.

Ele afirmou mais recebido no mundo do futebol por ser filho de Lula, e que isso já foi o inverso, com portas fechadas no auge das operações da Operação Lava Jato. O ressentimento persiste, em razão da morte da mãe, Maria Leticia, em 2017, atribuída por ele ao que teria sido uma perseguição contra a família.

Ser filho de Lula abre as portas, é claro. Mas já fechou também. O que eu preciso ter é um produto decente para entregar", afirma o diretor do RPE Parintins, que já trabalhou como auxiliar em times como Palmeiras, São Paulo e Corinthians, além de ter trabalhado uma liga de futebol americano no Brasil.

Boulos e Marta fazem 1º ato de rua com provocação a Nunes

Joelmir Tavares

SÃO PAULO O deputado federal Guilherme Boulos (PSOL) e a ex-prefeita Marta Suplicy (PT), que devem formar chapas para concorrer à Prefeitura de São Paulo, fizeram atividades em Parelheiros (zona sul) nesta quinta (22) que incluíram provocações ao prefeito Ricardo Nunes (MDB). A região, onde Marta conserva apoio, recebeu a primeira agenda conjunta dos dois. A petista rompeu com o agendamento, da qual era secretária, para voltar à antiga sigla e ocupar a vice de Boulos. A aliança do emedebista com Jair Bolsonaro (PL) usada por ela como justificativa para o desembarque, foi criticada por Boulos, que chamou Nunes de "chutchuca" do ex-presidente.

Em discurso, Boulos atacou a presença anunciada de Nunes na manifestação convocada por Bolsonaro para o próximo domingo (25) na avenida Paulista. O ex-presidente chamou a ato afirmando que se defenderia das investigações que o ligam à tentativa de um golpe de Estado no país.

"Esse prefeito se comporta como 'chutchuca' do Bolsonaro, não como prefeito da cidade de São Paulo", disse. Ele não mencionou o nome de Nunes em fala. Boulos usou ao adversário como "cidadão que está sentando na cadeira da Prefeitura de São Paulo", "peão fantasma" e membro do "time do inelegível".

Marta, que falou à multidão, evitou alusão ao antigo aliado e buscou destacar os legados de sua administração

(2021-2024) para Parelheiros. Ela pediu engajamento dos moradores na propagação da campanha e fez um alerta, ao afirmar que "a campanha não vai ser um passeio, nenhuma campanha é passeio".

Na saída, ao falar a jornalista, Boulos disse que rotulou Nunes como "chutchuca" de Bolsonaro porque oponente não tem identidade e rechaçou comparações com a sua relação com Lula (PT).

O deputado disse que são situações diferentes porque ele, embora apoiado por Lula, tem trajetória individual, militou em movimentos sociais e ajudou a construir um partido. "Não vai de parquinhos de recreio", disse. E tem ideias próprias. Não parece ser o caso do prefeito".

Em ofensiva contra Nunes, o petista falou que o prefeito "se sente o dono" diante de crises e "lamentavelmente está submetendo São Paulo a esse constrangimento de ele ir no palanque do Bolsonaro para se defender [das suspeitas] de golpe de Estado". Disse ainda que não escondeu sua aliança, enquanto o emedebista diz "tenta fingir que não".

O candidato do Bolsonaro, Marta deixou o local dos debates e se deslocou para o PT após ter deixado o partido insatisfeita e ter estado no centro do polêmico impeachment de Dilma Rousseff, ela foi aclamada no voto. Ela foi aclamada com os versos "olá, olá, Marta, Marta".

A ex-prefeita disse "muito a vontade, tranquila e contenta" com a aliança com Boulos e não se sente deslocada em relação aos pobres. "De-



Guilherme Boulos e Marta Suplicy plantam mudas na zona sul de SP. *Marlene Bergamaschi/Folhapress*

pois de muito tempo, nós vamos ter um prefeito nessa cidade que sabe o que as pessoas precisam, que tem um olhar para os mais necessitados, os idosos, as crianças".

O roteiro da dupla incluiu visita a terra indígena Tenondé Porã, caminhada pelo comércio da região e o plantio de uma muda de árvore, da espécie cambui. Os dois também tiveram encontro com moradores, no primeiro ato público desde que a chapa foi formalizada, no último dia 2, com a reafirmação de Marta ao PT.

A ex-prefeita disse "muito feliz" por estar com o leitor do PSOL e PT acirrando as atividades. A plenária que encerrou a programação do dia, em um audi-

tório cheio, também contou com a participação de vereadores e deputados estaduais e federais, além de dirigentes de partidos da coligação.

Na conversa com a imprensa, Boulos comentou a guerra Israel-Hamas, tema que já lhe rendeu críticas por sua posição pró-Palestina, e negou que se esquivasse do assunto.

Marta posicionou desde o primeiro momento foi de condenação do massacre desumano que está sendo conduzido na Faixa de Gaza", disse, culpando "o governo de extrema direita do Netanyahu".

"Condeno os ataques terroristas do Hamas, mas isso não significa que eu tenha momento silêncio sobre es-

se absurdo desumano, essa barbárie", acrescentou ele, que em outro texto que fez um pronunciamento sobre a questão após uma fala ambígua em que não havia citado o Hamas.

Nesta quinta, o pré-candidato afirmou também condenar a "seletividade moral" diante da analogia do presidente entre a guerra e o Holocausto. "Há gente que agora sai demandando, atacando o Lula pela declaração que deu, inclusive o prefeito de São Paulo, e que eu vou dar um pio quando eu voltar sobre escola e hospital na Faixa de Gaza".

O circuito percorrido por Boulos e Marta fez parte das caravanas do Save São Paulo, um movimento fabricado pela pré-candidata para levar o postulante a diferentes bairros e aproximá-lo de líderes comunitários e empresariais.

Reduto eleitoral de Marta, a região da zona sul ganhou o apelido de Martalândia. Como mostrou a Folha, a petista pode ajudar Boulos a expandir sua votação sobretudo em Parelheiros e no Grajaú, também na zona sul, onde ele ou o candidato apoiado por ela se sobressaíram nas últimas eleições municipais.

Prefeita de São Paulo de 2021 a 2024, Marta retornou ao PT em ato no início deste mês para ser vice de Boulos em ato com a presença do presidente Lula, que costurou a volta dela, plano noticiado pela Folha em novembro. A ex-prefeita era secretária da prestação Nunes até dezembro e usou a aliança dele com Bolsonaro como justificativa para romper com o prefeito e regressar ao antigo partido.